

SAMUEL USQUE E A CONSOLAÇAM

Jerusa Pires Ferreira

“O Conveniente lugar *pera chorar* meus males, e sobir ao derradeiro çeo meus gimidos. Vos outros soos arvores e mansas agoas, despostas a me ouvir, ouvi, e *doei vos de minhas lastimas*; desfalecidos espiritos, lassos e quebrantados membros, grave peso de soster, esforçai vos: olhos cansados de jaa tam seca vea soltai *mil a mil lagrimas de sangue*; altas e çerradas ramas que os rayos da debilitada vista me detendes, afastaivos hum pouco, say:am sobellas nuves meus continos e lastimosos sospiros: e day lugar que se ouçam meus bramidos em totalas quatro partes da terra.” (1) (D I, i)

INTRODUÇÃO EM *QUE SE RELATA QUEM*

1 Informações nas fontes tradicionais nos dizem que sua existência deveria ter-se passado como a de muitos judeus instruídos nos fins do século XV em Portugal, entre o ensino e o estudo, não havendo dúvida de que, pelo seu saber e instrução no Talmud, chegou a adquirir grande celebridade entre os seus.

Vale desde já observar um dado que é introduzido ao iniciar o seu livro: o fato de este chamar-se *Consolaçam* e não *Rebeliam*. Desde o titulo parece-nos sugerir a direção de um *percurso existencial* quando sabemos que o sentido de consolação projeta a esperança como princípio de ação.

Embora se aponte ascendência espanhola, trata-se de português, nascido em Lisboa e é em português que se dirige aos seus naturais. Note-se que se dirige aos senhores do seu Desterro (sic): “Da ordem e razão do Livro, Prologo aos Senhores do Desterro de Portugal.”

(1). — USQUE, Samuel. *Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel*, prefácio de Mendes dos Remédios, Coimbra, França Amado, 1906.

1.1 Aponta-se assim para uma situação concretamente envolvente, para o indivíduo, sua “nação”, sua coragem (expulso de Portugal vai para a Itália onde em Ferrara, 1553, publica a sua obra), até a criação de um mundo poético que realiza o seu discurso em Português: “pello que eu comovido, e vendo esta nossa nação seguida e afugentada agora dos reinos de Portugal ultimamente hũs por pobreza, outros por temor, e os mais delles pella pouca contancia q̄ jaa de abincio ã nossos animos repousa. ” (prologo *Consolaçam*)

“algũs Señores quizerom dizer antes que soubessem minha razam, que fora melhor auer composto em lingua castelhana mas eu creio que nisso nam errey porque *sendo o meu principal intento falar cõ portugueses*. e representando a memoria deste nosso desterro buscarlhe por muitos meos e longo rodeo, algum alivio aos trabalhos que nelle passamos desconveniente era fugir da *lingua que mamei e buscar outra prestada* pera falar aos meus naturais” Naturalmente que o fato atesta numa fase de bilingüismo, a afirmação da Língua Portuguesa como veículo de uma expressão nacional: vale lembrar as posições de um João de Barros e o seu *D'álogo em Louvor da nossa linguagem* ou Antonio Ferreira e a sua ação em favor da Língua Portuguesa: (2) “Porque o com que podias nobrecer/ sua terra e sua língua, lho roubaste/ por vires outra lingua enriquecer?”

Reparar, no entanto, que para estes escritores a pátria tinha a significação de sintonia, de acordo, e o último chega e denominar a Língua Portuguesa de a *Língua Verdadeira*. Em Usque a opção é mais sugestiva quando sabemos que a pátria para ele não é um estágio duradouro, é uma *escala do devir, percurso, trajeto, passagem* de uma realidade que só faz sentido se engastada numa idealidade perfeita: a preparação para o encontro com a pátria das pátrias onde a *Linguagem será santa* e as recompensas eternas.

BREVE RECENSÃO: O TIPO DE DEPOIMENTO EXISTENTE.

1.2 Não podemos deixar de mencionar a importância da obra, em razão inversa da bibliografia existente sobre a mesma. O que se encontra sobre o autor e seu livro são esparsas informações de caráter genérico, grosso modo a repetir-se, e muita vez o tipo de comentário é de matiz impressionista. Maria de Lourdes Belchior consegue uma certa síntese ao considerar a *Consolaçam* como “uma estranha

(2). — Costa Marques, “Antonio Ferreira e a sua ação em favor da Língua Portuguesa” in *Grandes Polêmicas Portuguesas*, Lisboa, Verbo, v 1.

obra, híbrida de apologética e de lirismo, porém com profundas raízes no pastoralismo bíblico.” (3)

Mas o teor do tipo de informação encontrada é freqüentemente este: “Todos os críticos e biógrafos de Usque são unânimes em afirmar, além da grande realidade da obra, seu valor literário e histórico; a elegância e pureza da sua linguagem, o belo colorido de seu estilo, a admirável opulência e propriedade das descrições. (4)

Mario Martins, falando sobre Samuel Usque, nos apresenta um curioso depoimento: *fala de apologia em sentido contrário*. E diz que S. U publica em 1553, a *Consolaçam às Tribulações de Israel*, em defesa do Judaísmo: “Lamentosa e unilateral (sic) peca freqüentemente contra a verdade histórica. No entanto, salva-se pelo enquadramento bucólico e pelo estilo bíblico, cheio de ritmo e sentimento.” (5)

“Marca com um Carimbo Vermelho a primeira página do livro pois a ferida está inscrita no seu início.” (6)

A TRANSITORIEDADE REFLETIDA NA LINGUAGEM.

2. O Judeu nômade é tomado na *Consolaçam às Tribulações de Israel*, de infinito como de letra, para usar a expressão de Derrida. Nesta medida é que o teor da linguagem de Samuel Usque é transitório, vem do consolo que traz, à memória que consente. Detectamos no processo verbal alta incidência incoativa. Há uma profusão de verbos de movimento, em sua significação mais direta. Linguagem gerando movimento, todo um módulo verbal que se ajusta à passagem por “este inferno meu”, no dizer do poeta. Aliás se observarmos o texto bíblico, veremos como isto acontece no livro de Isaías:

“E o Lume de Israel estará naquele fogo, e o seu Santo na chama; e *serão abraçados* e devorados os espinhos d’ele, e os seus abrolhos em um só dia. *Converter-se-hão* as relíquias, as relíquias digo, de Jacob, ao Deus forte.” (IX, 17)

O primeiro Diálogo Pastoral sobre coisas da Sagrada Escritura, traça um recenseamento geográfico da desilusão. E a Europa, antes

(3). — BELCHIOR, Pontes. Maria de Lourdes. Vbte “Bucolismo” in DICIONÁRIO DE LITERATURAS, Rio, C.B.P. 1969, p. 129.

(4). — HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA Ilustrada, org. ALBINO FORJAZ Sampaio, Lisboa Aillaud & Bertrand, 1942, v. III, p. 49.

(5). — MARTINS, Mário. “Apologética” in DICIONÁRIO DE LITERATURAS, ed. cit. p. 62-3. 1º v.

(6) — DERRIDA, Jaques. *A Estrutura e a diferença*, São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 59

considerada como guerreira *sábia e temperada* vai-se transformar (v. a força do vocábulo) em “*duro cat.veiro de cruéis*”

“Mas vos o minha antigua heredade, e piadosa may que jaa seña das gentes, e como *a agua entre as volatiles*, princesa sobre toda las provincias, onde *yrey buscar* vossas passadas glorias, desfalecidos sam vossos altos misterios, aos çeos *fugirom* vossos incomprensiveis milagres, e torpes abominações vossos divinos sacrificios *corromperom*, as alegrias e as festas santissimas se vestirom, os mimos da maravilhosa abundancia da terra, em duro cativeiro de crueis se *mudarom*, os contínuos favores do çeo, em yra e esquecimento se trastornarom, o santo repouso e sosego de espirito de vosses amados filhos em crueis desterrros dhũa noutra provincia cõ hum mizquinho temor e continua lazeira se *converterom*; os saborosos frutos em peçonhentas bitoras se *transformarom*, as claras agoas do divino Jordam e a fonte de Edumea tintas em natural sangue correrom. (D I, v 1)

Nota-se a cada passo uma afinidade incontestada com a linguagem dos profetas do Exílio Babilônico: Jeremias, Daniel e Ezequiel.

“O mundo, jaa que tuas recionaes creaturas nam contentes se doiam de minhas tribulações e lazeiras. da licença aos rios que daltas montanhas com espantoso rumor vem *quebrar* suas escumosas agoas em bayxo, que detendo o seu arrebatado passo, com manso e lamentoso roido, *acompanhem* o cõtinuo *curso* de minhas lágrimas, e em seu *correr cansado*, mostrẽ novo sentimento de minhas longas miserias.” (D I, ii)

“Como o judeu, como o poeta, como o homem, como Deus, os Signos só tem escolha entre uma solidão da natureza ou uma Solidão da Instituição.” (7)

2.1 Observar que a *Consolaçam* se desenrola sob forma de Diálogo pastoral, é claro que, alicerçada na clássica tópica pastoral, na alternância de falas entre pastores cultos recorrendo a um repertório comum de pastores e ovelhas, lugares amenos e prazerosos com o intercurso de uma densa simbologia que promana de uma ancestralidade judaica. Há em Usque a hipérbole de uma experiência coletiva, o bucolismo a encontrar fundamentos no cabedal bíblico permanente, inclusive a fornecer um suporte imagístico, alegoria que instaura processos.

(7). — DERRIDA, Jaques. *op. cit.* p. 64.

O Judeu está quebrado e o está entre outras duas dimensões de letra, diz-nos Derrida: a alegoria e a literalidade, seja a letra herdada. E é ao nível deste pastoralismo clássico adaptado a uma herança de processo que se detecta o poeta que é Usque: “De Talhada he Samaria com seu Rei, he na sobre face das agoas” (D I, xiii)

“Assi aconteceo, porque o dia seguinte levantãdose e sacudindo o velo, espremeo do orvalho que tinha hũa grande arredoma chea dagoa e a terra estava seca” (D I, xxiii)

“Sabereys yrmãos, que eu sam aquelle antiquissimo pastor, que com pescoço e mãos velosas. e pelos amores dhũa fermosa pastora sete e sete anos nos vistosos pastos de mesopotamia apascentei. Ora assi viçosamente passando a *fresca manhãa*; quando jaa o Sol e sua seca calma embebido auia nas verdes ervas o orvalho, se abalauão e punhão caminho com o rebanho de suas mansas ovelhas, as buscar as deleytosas sonbras, onde a fresca e têperada viração os recrease: e laa ao cabo de hũ alegre vale hum fermoso e muy basto arvoredos recebia, regado, viçoso coas doces agoas dhũa fonte que ao pee dhũ altissimo acipestre a borbolhões e con alegria rebentaua. (d. I, v, iv)

“O yrmão erguete dayy: vê cōnosco e nũ claro ribeiro que perto da quy esta lavaras os olhos, que de chorar tam umidos e carregados os teñs: e se te mais aprouer nossa cõpanhia: yras a nossas choupanas onde descansaras, e de brãco leyte e fresca nata, te conuidaremos” (d. I, iii) Aqui não se poderá deixar de ter em mente o discurso bíblico do livro de Isaias, em sua segunda parte.

UMA PONTE PARA DOIS LADOS.

2.2 A transformação nos vai conduzir ao ponto em que se conclui o como a consciência judaica é realmente a consciência infeliz. Em Usque, podemos dizer que encontramos a cicatrização do grito em zonas que deixam a pele mais sensível (8): “Sinto o mudo é vossas novidades e mudanças, o muito que perdeo. O dia de todos que vierom e estam por vir, o mais infelice desastrado, tenebroso, cego, amargo e infernal.”

Aqui é que ocorre pensar o problema sob dois focos convergentes:

a) o ponto a que nos leva o desespero — situação — o transitivo, a consciência judaica em seus duros caminhos.

(8). — (Evocando Linguagem de Agustina Bessa Luís.)

b) a recriação literária que parte de um repertório, propriamente buscado neste caso, a hipérbole do sofrimento como medida de determinadas colocações; bastando que nos lembremos da afinidade intensa do trecho como o “Dia em que nasci, moura e peresça” de Camões. O sentimento trágico da miséria humana alcança nas *Lições de Job* de Pedro da Costa Perestrelo uma intensidade e um amargor a que não se conhece igual na Literatura Portuguesa: “Sou podridão e sou nonadas” (9) e tudo isto remete ao conjunto bíblico do Livro de Job, “Pereça o dia em que eu fui nado, E a noite em que se disse: Foi concebido um homem. Converta-se aquele dia em trevas; Deus, desde o alto céu não olhe para eles. porque não morri eu dentro de minha mãe? Porque não pereci tanto que sai dele?”

Assim é que o próprio vocabulário nos leva a esta como a outras aproximações: “*ẽ montes juntandose suas agoas fez seo caminho por onde passei, e na sede q̄ no deserto padeci fazendo das pedras duras correr agoas, e ordem da natureza perverteo.* (D I, L)

Poderíamos detectar em Usque, ao lado de uma experiência idealizante, que mantém do transitório, a construção de um plano oposto, surgido de uma experiência concreta, de uma abertura para o real. E assim teríamos a sua narrativa aproximando-se do tom assumido por cronistas a relatarem insucessos. Ao descrever a fome em Jerusalem fala que: “As mulheres e as madres a suas criaturas de raiva lhe tirarem da boca e da garganta aviande jaa mastigada e a muitos apertando-lhe os gaznetes afogaram; mas confundindo o m̃timẽto dos humanos andavam bramando homẽs e mulheres e buscavam os curraes e estrebarias pera do esterco velho dos brutos animaes de soster, roendo as cintas e os çapatos e as correas que tirauã dos escudos.” (D I, XIX)

A PLANGÊNCIA PERSEGUE A OBRA.

3. O tom que inicia a obra do escritor prossegue por força dos imperativos aludidos. O livro que começa com: “o conveniente lugar pera chorar meus males e sobir ao derradeiro ceu meus gemidos” alcança o ponto em que o poeta constata as asas abatidas e quebradas e se diz *com talhos de mil feridas nas entranhas* (D I, xxxVIII), chega a clamar piedade, segundo ele com a *mãos envoltas em malefícios*. Dentro de um apontado clima de transformação que leva de um passado a um presente, da paz perdida à guerra encontrada Sião e Babilônia são

(9) — AGUIAR E SILVA. Vitor Emanuel. *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.

retomados com a fluidez de *Sobolos R'os*. (10) E aqui a obra vai ser um passo entre a vida e a vida; o contar das chagas torna-se um processo.

“A, yrmãos: nam posso sem grande angustia de minha alma lembrar-me de tempos passados; e como aquella memoria se põe a disputa cõ o estado, em que me ao presente acho, supitamente hum arrepiado aar (que como vivo o sinto) detendose em cada membro o sangue per todas as veas do corpo espalhado *me vai congelando*; e sendo que o natural calor dizem ser o asento daquella diuina e preciosa forma i faltã-dome; nã te maravilhes se a figura vees desemelhada: os olhos sã lume e pesados, os cabellos descompostos, as mãos frias, as vnhas sem cor, e sem algum sentido lançado em terra (soo) de baixo este arvore e cõ toda las outras vertudes perdido o temor; assi que tornando a tratar agora destes tempos, *ensaiarei a mais crua chaga*, cuja calidade nam consente tocarlhe muitas vezes: porem nam obstante todolos inconvenientes que vejo ã meu dano quero comprazervos, e (abrindo o peito tee as entranhas) darvos conta de mi e da lastima que emprimida tenho no meo da alma. (D. I, v iii)

“arreatou os tisouros de todos os meus nobres ornamentos, e deixou-me qual me vedes aqui despojado e nuu de todolos bẽs que posuya, *trocada he toda minha alegria em tristeza*, e os que jaa soyã ser floridos e apraziveis vales, de tristonhas e peçonhentas ervas *se cobrirom*, os lugares sombrios daruoredo cõa doce consonancia das aves, em areosos desertos e moradas de feras, onde andam espantosamente rugindo se cõverterom, pois como nã farei sentimento? posto no meo de tamanhas desaventuras: *o fraqueza humana, o couarde Israel*, por q̄ não abres os peitos, e rasgas as entranhas de dor e lastima? pois a morte nam he mais que hum passo que *estaa entre vida e vida*: onde he aquelle teu animo invencivel? Mas ay de mi mizquinho, que melhor he levantar estes cansados olhos ao ceo, onde o bem de minhas esperanças estaa encerrado? O aflita e quebrantada criatura se em algũa parte podesse coa lingua desabafar a paixam, que nalma tam impressa tenho, tentaria gastar este pouco de espirito vital que me esta contando de minhas

(10). — BELCHIOR PONTES, Maria de Lourdes. “As Glosas do Salmo 136 e a Saudade Portuguesa” in *Os Homens e os Livros Séculos XVI e XVII*, Verbo, 240 p.

A este respeito ver que: “Imagem do desterro do cristão, na terra, o exílio dos israelitas em Babilônia foi doloridamente cantado nos ve-sículos do Salmo 136, que tem sido comentado pelos exegetas bíblicos, resumido ou adaptado em excursos teológicos, glosado em elegias e sonetos, em composição de diversos outros. v Soror Madalena da Gloria (1672) Pranto dos Cativos Hebreus sobre os rios da Babilônia.

chagas o *porcesso* como vos pormeti; mas dellas abreseme diante hũ tã grande mar que nã ousou, porque doze vezes crueis ymigos de toda minha gloria despojandome, membro a membro deste jaa desengõçado corpo marancarom. (D I, x 11)

Mas é preciso que, dentro do sentido global da obra, se perceba ao analisar a Consolação o ato que contém o germen de esperança. Daí como da existência circunstancial de seu autor, opera-se o reverso da medalha, uma transitiva de retorno, o dia em que “alegres, vitoriosos e cheios de louvor, A Restauração do Cativoiro” (D III, lxxviii) “Encheremos nossa boca de riso/ nossa lingua de musica e alegria/ e nas gentes se andara dizendo. ”

CONCLUSÃO

“A única coisa que começa pela reflexão é a História. E essa dobra e essa ruga é o judeu” (11)

Passar por sobre Samuel Usque é penetrar a história da gente judaica, aproximar dos rumos de uma possível *Literatura Judaica* em Portugal, perceber o módulo de uma Literatura Portuguesa de Quinhentos, acompanhar padrões e situações de um repertório clássico adaptando-se a uma condição existencial (pessoal e ao mesmo tempo coletiva); é ver a cultura portuguesa a fletir uma ancestralidade milenar enquanto amolgando-se a padrões vigentes. (12)

Por uma espécie de deslocamento silencioso rumo à essência que faz deste livro uma longa metonímia (processo de contigüidade permanente) a envolvência de uma circunstância judaica se torna exemplar da situação, do poeta, do homem da palavra e da escritura.

É neste deslocamento que Usque fundamenta a sua plangência narrativa, senhor do dom de consolar, mesmo aos Senhores de seu desterro, de explicar para amenizar, fundindo-se com a sua linguagem e com o seu itinerário transitivo. O seu discurso está na ordem da instituição: pesando sobre o seu nascimento, sobre o seu destino a imposição daquilo que nos diz ainda Derrida: “Que diferença entre o escolher e o escolhido quando não podemos fazer outra coisa senão submetermo-nos à escolha” (13)

(11). — DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*, São Paulo, Perspectiva, 1971, 1971, p. 54.

(12). — SARAIVA, Antonio José. *História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Jornal do Foro, 1955. 2v. V. Cultura dos Judeus, pp. 397, 339. Humanismo dos Judeus, p. 345, 518, 520, 55.

(123). — Jabes, Edmond in Derrida. *Op. cit.* p. 54.

Enquanto no primeiro diálogo chora males e suscita símbolos, enquanto evoca diretamente a Bíblia para contar o que chama de Tribulações Abreviadas de Israel (p. xii), repetindo em tom profético *vi vi vi* (pg. xiii), no segundo diálogo enriquece a fala dos personagens com a narrativa bíblica do período Babilônico, reconstruindo assim a história do Cativo; no terceiro Diálogo empreende uma retrospectiva um tanto quanto documental da desventura, Espanha, Londres, Flandres de seu tempo. Não mais uma temporalidade transitiva, como no primeiro Diálogo, mas um percurso da desventura do poeta-testemunha em tempo histórico que o levará mais uma vez à esperança que o fará dizer:

“O Ysrael, ynsanavel he tua rotura e tua dorida chaga:” (D I, L)

Apesar de esperar que um dia: “Se regue a árvore em secura e que apareça outra figura trazendo molhos e feixes e cantando.” (D III, lxxxviii)

Portanto, o poeta é na verdade, o assunto do livro, a sua substância e o seu senhor, seu criador e seu tema.